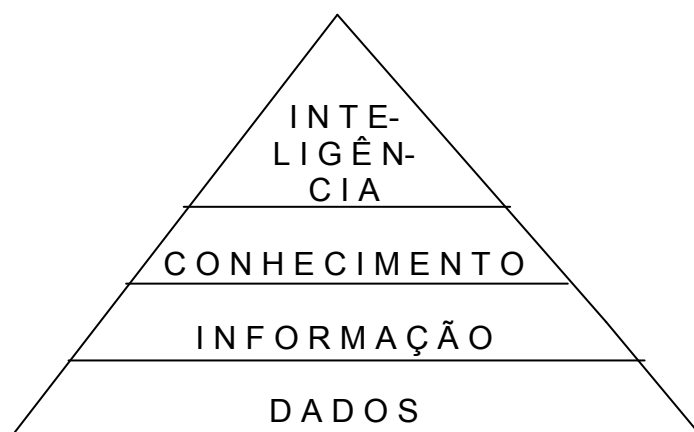


# DE QUE FALAMOS QUANDO FALAMOS DE INFORMAÇÃO?<sup>1</sup>

IRASET PÁEZ URDANETA (1952-1994)  
Universidad Simón Bolívar, Venezuela

A discussão sobre a problemática da geração, da organização, da transferência e do aproveitamento da informação em nossos países costuma utilizar o conceito de "informação" de uma maneira inevitavelmente ampla. Torna-se evidente a necessidade de que tal conceito possa ser mais trabalhado do ponto de vista de sua definição e de sua operacionalidade. Para tal, nos valeremos a princípio da conhecida "pirâmide informacional", em que se distinguem quatro níveis:



Quando falamos de **DADOS** falamos de **informação como matéria** (*information as matter*), isto é, de registros icônicos, simbólicos (fonéticos ou numéricos) ou sígnicos (lingüísticos ou matemáticos) por meio dos quais representam-se fatos, conceitos ou instruções (i.e., estados que caracterizam uma entidade ou processo em um determinado ponto do tempo). Neste sentido, interpretaremos como dados os elementos (0,954, 1,318, 1,434...) na seguinte configuração:

	(i)	(ii)	(iii)	(iv)
		7		
(a)	0,954	1,318	1,434	0,780
(b)	1,020	1,070	1,223	0,987

<sup>1</sup> Originalmente publicado em **INFOLAC**, Caracas. v. 4, n. 1, p. 3-5, mar. 1991, com o título *De que hablamos quando hablamos de información?*

Quando falamos de **INFORMAÇÃO** falamos de **informação como significado** (*information as meaning*), isto é, de dados ou matéria informacional estruturada de maneira efetiva ou potencialmente significativa<sup>2</sup>.

O *significante* não é a substância em si como o é sua estruturação, i.e., a ordenação dos dados em função da obtenção de um sentido cognoscitivamente relevante. Neste sentido, a planilha de dados anteriormente apresentada adquire *valor informacional* quando os elementos (a,b) e (i,ii,iii e iv) se identificam assim:

TAXAS DE CRESCIMENTO DURANTE O PERÍODO 1975-1981 POR GRUPOS DE PAÍSES SELECIONADOS*				
Grupos de países				
	(i)	(ii)	(iii)	(iv)
Coeficiente de renda	0,954	1,318	1,434	0,780
Coeficiente de população	1,020	1,070	1,223	0,987

\* Fonte: ONU, 1985. *A indústria no decênio de 1980: mudanças estruturais e interdependência*.

O *estado informacional* ocorre quando 'algo novo' junta-se (sem que necessariamente seja verdade) a 'algo sabido', por exemplo:

*O coeficiente de renda para os países do grupo ii durante o período de 1975-1981 foi de 1,318.*

*Os países que integram o grupo iv tiveram um coeficiente de renda de 0,780 e 0,987 de população durante o período de 1975-1981.*

Quando falamos de **CONHECIMENTO** falamos de *informação como compreensão* (*information as understanding*), isto é, de estruturas informacionais que, ao internalizarem-se, se integram a sistemas de relacionamento simbólico de mais alto nível e permanência. No caso do exemplo que vínhamos citando, o *estado de conhecimento* ocorre quando nos encontramos em condições de interpretar cabalmente o que significa *O coeficiente de renda para os países do grupo ii durante 1975-1981 foi de 1,318*. Estas

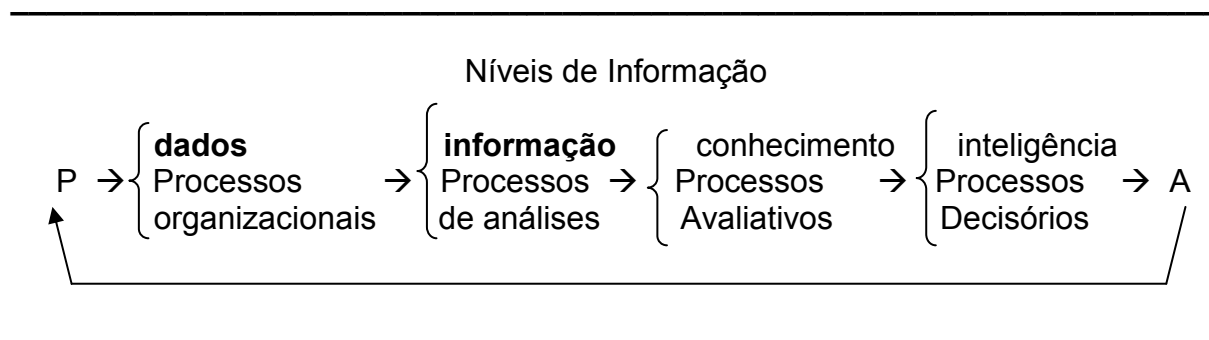
<sup>2</sup> O conceito de informação que utilizamos aqui foi heurísticamente restringido para os fins das distinções do modelo da pirâmide informacional. A chamada *Ciência da Informação* tenta precisar tal conceito para discriminar a grande quantidade de fenômenos que se associam a ele (*informação genética, sinal eletrônico, sintoma patológico, sinal (lingüístico) semântico, sinal (lingüístico) não semântico, semiótica* etc.).

condições equivalem ao domínio precedente de um conjunto de **CONCEITUAÇÕES**, **VALORAÇÕES** e **EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM**, adquiridas formal e informalmente. Por isso dizemos que se trata de informação que pode ser *entendida* por qualquer um que domine o código lingüístico mas que só pode ser *compreendida* por quem conte com a base de conhecimento para isso (i.e., uma teoria, uma doutrina, uma disciplina).

Quando falamos de **INTELIGÊNCIA** falamos de **informação como oportunidade** (*information as opportunity*), isto é, de estruturas de conhecimento que, sendo contextualmente relevantes, permitem a intervenção vantajosa na realidade (i.e., dos estados e processos que se modelam sobre a mesma). A informação *O coeficiente de população dos países do grupo iii foi de 1,223 durante 1975-1981* pode ser interpretado como inteligência que, ampliada com outra similar (i.e., uma correspondente ao período de 1981-1990) permita tomar uma decisão de planejamento público para o período de 1991-1993.

Nesse contexto temos quatro *níveis de informação* e, além destes, quatro tipos de *processos de elaboração informacional*. Estes processos permitem que um problema (P) possa ser enfrentado com uma ação (A), como representado no Diagrama 1:

**DIAGRAMA 1**



O diagrama aproveita uma sugestão de R.S.Taylor <sup>3</sup> na qual os quatro níveis de informação são identificados como *data*, *information*, *informing knowledge* e *productive knowledge*, respectivamente. Os processos organizacionais implicam o *agrupamento*, a *classificação*, o *relacionamento*, a *formatação*, a *seleção* e o *desdobramento* dos dados

para sua conversão em informação. Os processos de análise implicam a *discriminação*, a *qualificação*, a *validação*, a *comparação*, a *interpretação*, e a *synetização* da informação para convertê-la em conhecimento. Os processos avaliativos implicam a *apresentação de opções*, *vantagens e desvantagens do conhecimento* que possa ser convertido em inteligência. Finalmente, os processos decisórios implicam a *comparação de metas*, o *comprometimento*, a *negociação* ou *escolha* de inteligência que possa ser convertida em uma ação corretiva do problema.

O modelo apresentado pode ser aproveitado para uma discussão tanto sobre a problemática cultural, social e tecnológica que confronta a gestão da informação nos países do Terceiro Mundo, como, especialmente, sobre o futuro da informação profissional no mundo. Assim, por exemplo, deveríamos analisar os fatores que obstaculizam ou afetam nossa capacidade para a coleta, geração, organização, armazenamento, recuperação, comunicação e difusão de dados, e os fatores que obstaculizam ou afetam a estruturação de dados em informação (e esta, por sua vez, em conhecimento e este, por sua vez, em inteligência.). Para ilustrar esta análise poderíamos enfocar os dados oficiais que em cada país são gerados periodicamente como resultado de seus censos populacionais.

Do ponto de vista da ação profissional, apresentam-se vários problemas complexos. Mais que centrada na gestão dos dados, da informação, do conhecimento e da inteligência, a profissão informacional tem historicamente se centrado na administração de *documentos*, quer dizer, nos meios de suporte. Nesta perspectiva, o profissional da informação que conhecemos costuma conceber o usuário mais como um indivíduo que busca um documento que como um indivíduo que necessita de informação. J.A. Pickup <sup>4</sup> enfatizou que o papel do profissional da informação consiste realmente em estabelecer uma conexão entre este suporte (como fonte de informação) e o usuário. Esta tarefa, na percepção de especialistas como R.S. Taylor, equivale à capacidade para conduzir os processos organizacionais, analíticos, avaliativos e de decisão como mecanismos de *agregação de valor* dos produtos informacionais recolhidos.

Em todo caso, assim como o suporte documental é hoje reconhecido como o grande elemento histórico de distorção do trabalho informacional, atualmente estamos

---

<sup>3</sup> R.S. Taylor, 1986. *Value-added processes in information systems*. Norwood (New York): Ablex.

<sup>4</sup> J.A. Pickup, 1987. What business are we really in? *ASLIB Proceedings*, v. 39, n.10, p. 281-291.

frente a outro elemento de distorção potencialmente mais perigoso: o computador. O poeta T.S.Eliot se perguntava uma vez: *Where is the wisdom we have lost in knowledge? / where is the knowledge we have lost in information?*<sup>5</sup> e ante isto seria válido que de nossa parte perguntássemos *Where is the information we have lost in data? / Where is the data we have lost in bits?*<sup>6</sup> O problema da informação em nossos países não é essencialmente um problema de informática, como tampouco o destino da profissão informacional (como o de qualquer outra profissão verdadeira) depende do que jamais deixará de ser uma ferramenta.<sup>7</sup>

Tradução de Lídia Silva de Freitas, docente do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense e do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - UFF.

---

<sup>5</sup> *Onde a sabedoria que perdemos no saber? / Onde o conhecimento que perdemos na informação? / Os ciclos do Céu em vinte séculos / Afastaram-nos de Deus e do Pó nos acercaram.* ELIOT, T.S. *Poesia*; tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. (N.T.)

<sup>6</sup> *Onde a informação que perdemos nos dados? / Onde os dados que perdemos nos bits?*

<sup>7</sup> Ver de T. Roszak, *O culto da informação: o folclore do computador e a verdadeira arte de pensar*. (São Paulo: Brasiliense, 1988) e de R.S.Wurman, *Information Anxiety* (New York: Pantheon Books, 1989). Ver também de J.Sutz, *La informatización en el futuro de América Latina: una exploración de tendencias. El desafío latinoamericano: Potencial a desarrollar* (G.Martner, coord. Caracas: Nueva Sociedad, 1987).